

O TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM PERSPECTIVA: EXPERIÊNCIAS E DIÁLOGOS EM UM PROJETO-PILOTO DE EXTENSÃO

Jaime Valim Mansan¹
Johnnys Jorge Alencar²

Área Temática: Educação

RESUMO

O artigo apresenta reflexões sobre o projeto-piloto de extensão “I Colóquio TCC em perspectiva: diálogos e experiências”, realizado em setembro de 2024 na Universidade Regional do Cariri (URCA), Crato, Ceará. Acorado nos pressupostos freireanos de educação dialógica e no princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o evento teve como objetivo fomentar diálogos sobre o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e suas potencialidades na formação inicial em História. O evento contou com duas rodas de conversa mediadas pelos organizadores e reuniu cerca de 55 participantes, entre estudantes, docentes e membros da sociedade civil. A metodologia adotada baseou-se na roda de conversa, promovendo um ambiente dialógico para troca de experiências e reflexões. Os resultados destacaram a relevância do TCC como elemento integrador entre ensino, pesquisa e extensão, fortalecendo o compromisso social da universidade e ampliando a compreensão do TCC como processo formativo e transformador. A análise evidenciou que a abordagem freireana, ao privilegiar o diálogo horizontal, facilitou a desconstrução da visão fragmentada do TCC como mero requisito acadêmico. A experiência indicou a importância de ajustar espaços e formatos para futuras edições, além de potencializar a inclusão de diversos públicos. Conclui-se que iniciativas como esta contribuem para a valorização da pesquisa como práxis e para a integração entre a universidade e a sociedade.

Palavras-chave: Extensão universitária. Pesquisa como práxis. Formação inicial docente. Trabalho de conclusão de curso.

THE FINAL COURSE MONOGRAPH IN PERSPECTIVE: EXPERIENCES AND DIALOGUES IN A PILOT EXTENSION PROJECT

ABSTRACT

This article presents reflections on the pilot extension project "I Colloquium TCC in Perspective: Dialogues and Experiences," held in September 2024 at the Regional

¹ Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri, Campus do Pimenta, Crato, Ceará, Brasil. Professor do Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória (URCA/UFRJ). Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, com estágio de doutoramento na Universidade Complutense de Madrid. E-mail: jaime.mansan@urca.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6102-3239>

² Professor Adjunto do colegiado de História da Universidade de Pernambuco - Campus Petrolina. Doutor em História pela Universidade Federal da Bahia e Mestre em História dos Sertões pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: johnnys.alencar@urca.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6068-0664>



University of Cariri (URCA), Crato, Ceará, Brazil. Aimed at fostering discussions about the final course monograph (“TCC”) and its potential in undergraduate History education, the event comprised two conversation circles led by the organizers and involved approximately 55 participants, including students, educators, and civil society members. The methodology utilized was based on conversation circles, encouraging a dialogic environment for sharing experiences and insights. Results emphasized the TCC's relevance as an integrative element of teaching, research, and extension, reinforcing the university's social commitment and broadening the understanding of the TCC as a formative and transformative process. The experience highlighted the need for adjustments in space and format for future editions and the inclusion of diverse audiences. It is concluded that such initiatives enhance the value of research as praxis and foster integration between the university and society.

Keywords: Extension activities. Research as praxis. Teacher training. Final course monograph.

1 INTRODUÇÃO

O evento acadêmico “I Colóquio TCC em perspectiva: diálogos e experiências” foi realizado nos dias 17 e 18 de setembro de 2024, na Universidade Regional do Cariri (URCA), Campus do Pimenta, cidade do Crato, Ceará, tendo como organizadores os professores Jaime Valim Mansan e Johnnys Alencar, ambos docentes do Departamento de História daquela instituição. Com carga horária total de 8 horas, o evento configurou-se como uma iniciativa piloto cujo balanço entendemos ter sido bastante positivo. Tendo demonstrado viabilidade para o desenvolvimento de reflexões sobre os sentidos e as possibilidades do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aspecto fundamental da formação inicial em História, o evento foi também uma oportunidade para se verificar a relevância de ações que, fundamentadas no diálogo entre ensino, pesquisa e extensão, trazem em si a marca daquilo que é próprio e inerente à universidade: a indissociabilidade e o caráter mutuamente potencializador desses três eixos fundamentais.

Assim, buscando também, junto a colegas educadores/as atuantes na educação básica, fortalecer a percepção de indissociabilidade entre ensino e pesquisa na práxis docente – princípio proposto por Paulo Freire (1996), dentre outras pessoas de referência nesse debate – buscou-se também criar um espaço de diálogo e de fomento a reflexões sobre os desafios e possibilidades dos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) entre quem já realizou essa experiência formativa e quem ainda passará por ela.



Nossa motivação inicial para realização do evento foi a intenção de contribuir de modo mais amplo na formação inicial de nossos alunos e alunas, discentes do Curso de Licenciatura em História da URCA, em particular aqueles/as matriculados/as na disciplina TCC II (turnos da manhã e da noite), sob nossa responsabilidade naquele semestre, através de uma atividade extensionista, fomentando aprendizagens para além das atividades atinentes à referida disciplina. A partir dessa perspectiva, identificamos a possibilidade adicional de contribuir também para a formação continuada de egressos do curso e de outros profissionais da área atuantes na região do Cariri cearense.

Ao desenvolvermos um primeiro diagnóstico, com o intuito de fundamentar a elaboração do projeto, identificamos uma demanda por espaços de debate extraclasse sobre o papel da pesquisa na formação inicial docente em História e o lugar do TCC nesse processo, de modo a consolidar e aprofundar compreensões da indispensabilidade da prática de pesquisa desde a graduação, como elemento decisivo da formação profissional em História. Nossa intenção, neste artigo, é apresentar uma reflexão sobre a experiência extensionista que desenvolvemos com o intuito de ajudar a atender essa demanda social. Assim, buscamos responder a problemática que questiona como discussões em torno do TCC pode fortalecer a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, além de mitigar desafios emocionais e metodológicos enfrentados por discentes durante a elaboração de seus trabalhos.

2 REVISÃO DA LITERATURA OU REFERENCIAL TEÓRICO

O TCC é um momento importante da formação inicial de futuros/as professores/as e pesquisadores/as. Deve ser compreendido como uma etapa formativa e de aproximação com a temática pesquisada, não como um trabalho final, definitivo, que não se adeque às possibilidades de alguém que esteja em formação inicial e que terá oportunidades de dar sequência a essa ou a outras pesquisas posteriormente, seja em nível de mestrado e doutorado, seja ao longo de sua carreira profissional.

A iniciação à pesquisa científica, processo que tem na construção do TCC uma etapa de culminância, desempenha um papel fundamental na formação de estudantes de graduação em História, promovendo o desenvolvimento de habilidades analíticas, críticas



e metodológicas essenciais à prática historiográfica. Essa experiência permite ao estudante um contato direto com as fontes primárias e secundárias, bem como com debates teóricos e historiográficos, aprofundando sua compreensão sobre os processos de produção do conhecimento histórico. Além disso, fomenta a autonomia intelectual, incentivando a formulação de hipóteses e a construção de argumentos sólidos. Dessa forma, a iniciação científica contribui não apenas para a formação de futuros pesquisadores, mas também para a consolidação de uma postura ética e reflexiva diante do mundo em sua historicidade.

Em se tratando de um curso voltado à formação inicial de professores e professoras de História, não seria de estranhar (especialmente nesse tempo peculiar e desafiador que temos vivido no Brasil após o golpe de 2016) se alguém questionasse a utilidade dos TCCs e de outras experiências de iniciação à pesquisa científica em um curso de licenciatura. Em *Pedagogia da Autonomia*, publicado há quase três décadas, Paulo Freire já explicava a razão do equívoco no raciocínio que fundamenta questionamentos desse tipo:

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. [...] Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente [processo que engloba a formação inicial e a continuada], o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador (Freire, 1996, p. 29).

Nos últimos anos, o debate em torno da chamada curricularização da extensão universitária tem crescido, especialmente após a implementação da Resolução CNE/CES nº 7, de 18/dez/2018, que determina que 10% da carga horária total dos cursos de graduação deve ser destinada a atividades de extensão. Nesse contexto, o TCC pode servir como um elemento articulador entre ensino, pesquisa e extensão, promovendo não apenas o desenvolvimento e o ensino-aprendizagem de conhecimentos específicos, mas também o diálogo com a sociedade, resultando em uma relação dialética onde aqueles processos universitários de ensino e de pesquisa tendem a ser potencializados pelos saberes, questões e perspectivas advindas da sociedade e esta, por sua vez, tende a ganhar acesso mais amplo e direto às contribuições acadêmicas e também a dispor de um canal de diálogo com uma



instituição que foi – e em muitos casos ainda é – virtualmente isolada e alheia à maior parte da sociedade.

Seguimos, nesse sentido, as propostas de autoras/es como Maria Stela Santos Graciani (2016), para quem a extensão universitária deve ser compreendida como um processo dialógico, em que a universidade se abre às demandas sociais e possibilita a formação crítica e cidadã. Nessa perspectiva, as atividades de extensão relacionadas ao TCC poderiam envolver, além de rodas de conversa – que verificamos ser um método bastante potente – oficinas, minicursos, seminários, aulas de campo, projetos interdisciplinares e interinstitucionais, parcerias com escolas, comunidades e movimentos sociais, dentre outras ações que podem contribuir com a aproximação dos/as estudantes a realidades sociais diversas, incentivando-os a desenvolver pesquisas reflexivas, com impacto social e que levem em conta as demandas, contradições e especificidades conjunturais e estruturais da sociedade e dos contextos local, regional, nacional e mundial onde estão inseridos/as.

Sánchez Vázquez entendia que a atividade humana é definida pela elaboração ideal anterior à atividade propriamente dita, individual ou social. Isso valeria, assim, tanto para os casos em que o ser humano atua sobre uma matéria natural (natureza imediata ou já mediatizada) quanto para aquelas ações “em que o homem é sujeito e objeto dela; isto é, práxis na qual ele atua sobre si mesmo” (Sánchez Vázquez, 2007, p. 221). Contudo, a reelaboração ideal baseada na experiência com tais atividades promoveria uma relação dialética entre pensamento e ação, entre teoria e prática, que denominamos práxis. Conceito que, em sua obra citada, o filósofo antifascista espanhol – que o franquismo forçou ao exílio no México – analisou em detalhes, seguindo nesse sentido a senda aberta por outros/as tantos/as pensadores/as e desenvolvendo consideravelmente o tema.

Criar ambientes e dinâmicas sociais onde aquela práxis de que trata Freire possa ser destacada como objeto de reflexão, para que as/os participantes possam ganhar consciência desse processo e suas potencialidades, é uma das principais ambições e justificativas para a promoção de atividades extensionistas como a que aqui analisamos.

É fundamental valorizar a pesquisa como uma práxis específica, mas integrada. A experiência aqui debatida indica a potência de ações extensionistas que dialoguem com os outros pilares da universidade e que colaborem diretamente com a construção, por meios diversos, de uma compreensão consolidada do TCC como parte de um processo formativo



mais amplo, diverso, focado na autonomia dos sujeitos e não restrito ao âmbito universitário.

Desse modo, além dos pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa é necessário contextualizar nosso estudo no diálogo que propõe discutir o lugar do TCC na formação dos professores e professoras de História. Essa perspectiva dialógica alinha-se às contribuições de Flávia Lisbôa (2020) e Priscila Oliveira e Ranata Gama (2024), que analisam as rodas de conversa como dispositivos metodológicos capazes de socializar saberes, empoderar vozes periféricas e construir conhecimentos coletivos. Segundo essas autoras, esse formato ainda é responsável por romper com a hierarquia tradicional entre palestrantes e ouvintes, criando um ambiente onde vivências pessoais e reflexões teóricas se retroalimentam. No contexto do nosso colóquio, essa abordagem mostrou-se essencial para desconstruir a visão do TCC como tarefa solitária, transformando-o em uma experiência compartilhada.

3 METODOLOGIA

Buscando potencializar as trocas de experiências e os diálogos, adotamos nesse projeto-piloto a metodologia de roda de conversa conforme proposta por Maria Lúcia Afonso e Flávia Lemos Abade. Elas destacam o potencial de uma abordagem dialógica para fomentar e potencializar o processo de reflexão e transformação dos sujeitos em termos individuais e coletivos (Afonso; Abade, 2008, p. 19).

O evento foi estruturado em dois encontros, em dias e turnos diversos:

- 1º encontro: 17/set/2024, manhã: Realizado na sala de aula do IX semestre do curso de História, esse primeiro encontro contou com uma roda de conversa mediada pelo prof. Jaime Valim Mansan e que teve como disparador o relato de experiência do prof. Johnnys Jorge Gomes Alencar com seu TCC (Alencar, 2018). Dessa primeira roda, participaram 15 pessoas, proporcionando um debate mais próximo e interativo, no qual os estudantes puderam dialogar com o professor, de maneira bastante fluida, sobre suas experiências e dúvidas em relação à construção do TCC, trazendo questões recorrentes, como a escolha do tema, metodologia e organização do trabalho acadêmico, dentre outras.
- 2º encontro: 18/set/2024, noite: Realizado no Auditório do Geopark Araripe/URCA,



esse segundo encontro consistiu de outra roda de conversa, dessa vez mediada pelo prof. Johnnys Jorge Gomes Alencar e tendo por disparador o relato de experiência do prof. Jaime Valim Mansan com seu TCC (Mansan, 2006). Nesse segundo encontro, no qual participaram 40 pessoas, foi possível ampliar o debate iniciado na manhã do dia anterior, já que alguns participantes da segunda roda de conversa haviam frequentado a primeira. Novamente, as perguntas foram bastante diversas, tratando de temas igualmente recorrentes, como tempo de duração de uma pesquisa de TCC, abordagem de temas sensíveis, acesso a fontes, dentre outros.

A escolha de dois espaços com características tão diversas teve por fundamento, primeiramente, a diferença de tamanho das duas turmas, já que a turma da noite possuía mais que o dobro do número de alunos da turma da manhã. Além disso, consideramos, como hipótese, que a demanda de público externo seria maior à noite, o que se confirmou. Por outro lado, as características dos dois espaços, bem como a diferença significativa na quantidade de participantes entre os dois momentos, assinalou vantagens e desvantagens nas duas abordagens. Para a atividade ocorrida no turno da manhã, o ambiente familiar e intimista, com disposição circular das cadeiras, também favoreceu a interação horizontal e a participação ativa dos participantes. Essa configuração, aliada à ausência de equipamentos de som, também potencializou uma escuta sensível e a troca de experiências pessoais com mais liberdade.

Se, por um lado, o espaço do auditório referido, cuja entrada é bastante visível e conhecida e dá diretamente para a rua Carolino Sucupira, proporcionou uma facilidade importante para acesso ao público externo à universidade, por outro lado, a sala de aula, dada sua dimensão reduzida e sua facilidade para organização de disposições circulares das cadeiras, ofereceu um ambiente mais propício às dinâmicas próprias à metodologia de roda de conversa, pois, o ambiente familiar e intimista, com disposição circular das cadeiras, também favoreceu a interação horizontal e a participação ativa dos participantes, sobretudo, pela ausência de equipamentos de som que também potencializou uma escuta sensível e a troca de experiências pessoais com mais liberdade.

A disposição tradicional dos assentos no auditório, onde os/as participantes sentam-se em linha, formando uma matriz retangular separada por um corredor central, junto à necessidade de amplificação da voz com equipamento de som, tendem a induzir as pessoas



a uma participação mais passiva, no formato tradicional de palestra, a despeito de terem sido intercalados sugestões e questionamentos pelo mediador para fomentar a circulação da palavra. Isso nos sinaliza a necessidade de, em futuras reedições do evento, buscarmos espaços alternativos onde esse limitador seja superado. Ressaltamos, portanto, que a visibilidade do auditório e a capacidade maior para acolhimento dos participantes permitiu ampliar o alcance social do evento, cumprindo um dos princípios da extensão universitária: a democratização do conhecimento.

Para a coleta de dados, utilizamos cadernos de anotações compartilhados entre os mediadores, onde registramos em tempo real as questões, relatos e interações dos participantes. Essa estratégia permitiu documentar tanto as falas disparadoras (baseadas nos TCCs dos professores) quanto as reflexões geradas pelo grupo. Ainda destacamos, que a opção por iniciar as rodas com relatos dos professores buscou ancorar o debate em experiências concretas, oferecendo modelos de superação de desafios comuns (ex.: escolha de temas, acesso e críticas à fontes, escrita). Essa estratégia facilitou a identificação dos participantes com as trajetórias compartilhadas, estimulando perguntas como: “Como você definiu o recorte da pesquisa?” ou “Quais as maiores dificuldades na etapa da escrita?”.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gostaríamos agora de, além de apresentar os principais pontos dos resultados alcançados, delinear possibilidades que se afiguraram a partir dessa experiência extensionista. Assim, partimos de algumas premissas que orientaram o nosso planejamento e nos orientaram como prováveis hipóteses para o desenvolvimento dessa experiência, são elas: (a) a extensão universitária pode reduzir a percepção do TCC como mera formalidade, transformando-o em uma experiência coletiva e dialógica; (b) a participação de atores externos (egressos, professores da educação básica) enriquece a reflexão sobre a pesquisa como prática contínua; e (c) espaços informais de troca diminuem a solidão do pesquisador em formação.

Primeiramente, percebemos que a ideia de realizar um evento de extensão sobre uma etapa fundamental do processo de formação inicial de pesquisadores/as em História mostrou-se bastante frutífera e potente. Como iniciativa piloto, houve aprendizados que



serão agregados ao planejamento das próximas edições. A par disso, foi possível perceber que, ao promover ações de extensão como a que este artigo buscou apresentar e discutir, a universidade reforça seu compromisso com a integração dos eixos ensino, pesquisa e extensão, assegurando que o conhecimento produzido nos cursos de graduação seja não apenas academicamente relevante, mas também socialmente transformador.

A interação entre estudantes, professores e a sociedade civil cria um ambiente rico para a troca de saberes, favorecendo tanto o aprimoramento das práticas acadêmicas quanto o fortalecimento dos laços entre a universidade e a comunidade. Assim, os Trabalhos de Conclusão de Curso deixam de ser vistos como apenas uma demanda acadêmica a ser atendida para alcançar a conclusão do curso, assumindo de forma cada vez mais visível, dentro e fora da universidade, seu sentido formativo fundante e fundamental e sua potência como ação individual e coletivamente transformadora.

Quanto ao aprendizado proporcionado por esse projeto-piloto e às possibilidades que identificamos a partir dessa experiência extensionista, destacamos as questões atinentes ao espaço, à acessibilidade e à quantidade de participantes em cada atividade. Percebemos que esse tipo de proposta parece funcionar melhor com grupos menores e em espaços onde a disposição circular dos assentos seja de fácil organização ou já esteja disponível. Ao mesmo tempo, percebemos o grande potencial oferecido pela participação de pessoas externas aos grupos de discentes diretamente envolvidos no desenvolvimento de seus TCCs, sejam aquelas pessoas externas discentes ou docentes, tenham aquelas pessoas passado ou não pela experiência de construção e defesa de um TCC. Isso porque, em nossa avaliação, o elemento-chave desse item é o contraste de perspectivas e a possibilidade de dialogar a respeito, mais do que o cotejo das dúvidas daqueles e daquelas que estão desenvolvendo seus TCCs com a experiência daqueles e daquelas que já passaram por esse processo. Evidentemente, contar com a experiência de quem já desenvolveu e defendeu um TCC é algo de grande importância. Porém, ainda mais importante é possibilitar a nossos alunos e alunas, bem como à sociedade em geral, o debate sobre o tema.

Assim, além do compartilhamento de experiências, pessoas externas à universidade podem agregar elementos que contribuam com a reflexão sobre os processos de formação inicial e de iniciação à pesquisa científica; professores/as da educação básica podem se sentir convidados a fortalecer sua atenção sobre o elemento de pesquisa inerente à docência, bem



como a desenvolver projetos de formação continuada (mestrado, doutorado...), inclusive na forma de projetos de pesquisa-ação envolvendo sua experiência docente; discentes em início de graduação podem se alertar ou melhor compreender as sugestões de seus professores e professoras para a importância de certas ações que poderão ser feitas já nos primeiros semestres de curso e que poderão ajudar muito quando chegar a sua vez de desenvolver seu TCC; por fim, alunos e alunas que estão desenvolvendo seus TCCs poderão compartilhar angústias, desejos, medos e perspectivas, tanto entre si quanto com outras pessoas, diminuindo a recorrente solidão da jornada de pesquisador/a em formação, que não raro restringe suas possibilidades de diálogo sobre tais sentimentos apenas a seu/sua orientador/a e, eventualmente, a algumas pessoas muito próximas. Criar espaços onde as pessoas possam se sentir seguras para falar sobre esses sentimentos parece ser uma das principais potencialidades de iniciativas extensionistas como a que aqui foi apresentada e debatida.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao promover projetos de extensão como o “Colóquio TCC em Perspectiva”, a universidade reforça o compromisso com a integração entre ensino, pesquisa e extensão, assegurando que o conhecimento produzido seja academicamente relevante e socialmente transformador. A interação entre discentes, docentes, servidores técnico-administrativos e comunidade externa fomenta o intercâmbio de saberes, aprimora práticas acadêmicas e fortalece vínculos entre a universidade e a sociedade em geral. Assim, os Trabalhos de Conclusão de Curso deixam de ser apenas exigências acadêmicas, assumindo centralidade em processos de formação permanente e desenvolvendo sua potência para a transformação social.

Entender o TCC como parte de um processo formativo é fundamental para desmistificar a ideia de que ele representa um produto final, completo e definitivo. Como afirma Freire (1996), a prática investigativa deve ser encarada como um caminho inacabado, através do qual o/a pesquisador/a promove constante construção e reconstrução do conhecimento – e de si. Ações de extensão podem, portanto, oferecer suporte para que os/as discentes e a sociedade em geral compreendam a construção do TCC como uma experiência de pesquisa, que poderá ser aprofundada, revisada, refeita ou ampliada posteriormente.



Atividades extensionistas relativas ao tema poderão, assim, contribuir decisivamente para que se passe a perceber o TCC não apenas como produto, mas também – e principalmente – como processo. Reiteramos, por fim, a urgência de iniciativas que articulem ensino, pesquisa e extensão na formação docente. Desse modo, como demonstrado, o TCC pode ser um dispositivo de transformação acadêmica e comunitária. Esta experiência, embora localizada, oferece um modelo replicável para outros cursos e instituições, desde que adaptado a seus contextos específicos, também podendo ser realizadas novas edições na URCA em semestres vindouros.

6 AGRADECIMENTOS

Somos gratos, primeiramente, às pessoas que participaram da atividade, tanto nossos alunos e alunas dos cursos diurno e noturno de Licenciatura em História da Urca quanto os professores e professoras da educação básica e os colegas docentes da universidade, pois quem fez a atividade acontecer foram todas/os vocês – nós apenas a mediamos e buscamos contribuir com seu bom andamento a partir de nossas experiências, leituras e percepções.

Agradecemos, também, aos/às colegas do Departamento de História da Urca, que nos apoiaram, incentivaram e auxiliaram na divulgação; muito especialmente, ao Chefe de Departamento, Prof. Dr. Carlos Rafael Dias, e aos Coordenadores de Curso, Prof. Dr. Francisco Egberto de Melo (curso noturno) e Prof^a Dr^a Josinete Lopes de Souza (curso diurno), por todo o apoio institucional.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia M.; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as Rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008.

ALENCAR, Johnnys Jorge Gomes. **Os sentidos do progresso: as ideias, as políticas e os projetos em torno do Cariri cearense (1830-1870)**. Monografia (Graduação em História) – Universidade Regional do Cariri, Curso de História, Crato, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.



GRACIANI, Maria Stela Santos. **Extensão universitária: práticas e reflexões**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

LISBÔA, Flávia M. Roda de conversa: metodologia na produção de narrativas sobre permanência na universidade. **História Oral**, v. 23, n. 1, p. 161-182, jan./jun. 2020.

MANSAN, Jaime Valim. **Os expurgos na UFRGS: Afastamentos arbitrários de professores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no contexto da ditadura civil-militar brasileira (1964-1980): os casos porto-alegrenses**. 117 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS. Porto Alegre, 2006.

OLIVEIRA, Priscila Borges Ribeiro; GAMA, Renata Prenstteter. Roda de Conversa: um instrumento metodológico tecnológico-formativo-coletivo na Pesquisa em Educação. **Revista Educação e Políticas em Debate**, [S. l.], v. 13, n. 2, p. 1–14, 2024. DOI: 10.14393/REPOD-v13n2a2024-71286. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/71286>. Acesso em: 27 de junho de 2025.

SÁNCHEZ VÁZQUEZ, Adolfo. **Filosofia da práxis**. Trad. María Encarnación Moya. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007. (Pensamento Social Latino-americano).

COMO CITAR

MANSAN, Jaime Valim; ALENCAR, Johnnys Jorge. O trabalho de conclusão de curso em perspectiva: experiências e diálogos em um projeto-piloto de extensão. **Revista de Extensão - REVEXT**, v. 4, n. 2, p. 9-21, 2025.

Recebido em 31 de dezembro de 2024
Aceito em 04 de julho de 2025

